

DO SAGRADO AO PROFANO NO ESPAÇO URBANO DA CIDADE POTIGUAR

Autor: Rubenilson Brazão Teixeira

A praça central, a praça da matriz, constitui um dos espaços urbanos mais marcantes das cidades do Rio Grande do Norte. Centro em torno do qual as cidades surgiram e se desenvolveram, ela se tornou uma marca indelével da formação de nossa urbanidade, como o é, aliás, em muitas outras regiões do Brasil e mesmo do mundo. No Rio Grande do Norte, em particular, este espaço representou muito mais do que um local de encontro e de festas, de procissões, de feiras semanais ou de comícios públicos, atividades que ainda se verificam nos dias de hoje em maior ou menor intensidade segundo a localidade. No passado, ele incorporava outros usos, certamente insólitos ao olhar contemporâneo: lugar de tortura e de suplícios, mas também de peças teatrais ao ar livre, de fandangos e cavalhadas, de festas e de jogos de negros e de índios; de manifestações teatrais da religiosidade individual e coletiva, como as orações públicas; campo de treinamento militar, espaço para licitações com vistas à construção de obras públicas; esplanada onde se liam e se fixavam ordens e editais reais, local de enterro. Foi também ambiente propício à prática de vaquejadas e arena de exibição dos senhores de escravos que, acompanhados desses seus trabalhadores forçados, desfilavam em cavalgadas com cores berrantes, para assim demonstrar o seu prestígio diante da população local.

Embora não tenham sido exclusivos de nossa realidade urbana, estes e outros exemplos de usos que se manifestavam nos espaços urbanos da cidade potiguar foram característicos no passado. Eles se esvaíram ou se transformaram na voragem do tempo. No entanto, importa ressaltar que poucas pessoas parecem se dar conta de que estes usos e sua transformação lançaram os fundamentos de nossa maneira de ser urbano. Com efeito, não somente a utilização que os habitantes faziam dos espaços urbanos, mas também a própria forma físico-espacial destes espaços e a função que eles assumiam também foram dotados de significados que se transformaram ao longo do tempo. O estudo, numa perspectiva histórica, desta realidade urbana em constante mutação nos ajuda a compreender a nós mesmos e a cidade na qual vivemos. Um potiguar “da gema”, transeunte ou usuário mais desavisado dos espaços públicos que originaram nossos primeiros núcleos urbanos, tais como a praça André de Albuquerque, em Natal, ou monsenhor Paiva, em São José de Mipibu, ou a praça Getúlio Vargas em Assu, - para citar apenas alguns exemplos - raramente tem noção da riqueza histórica que jaz nesses locais e em suas adjacências, espaços dos quais ele mesmo é, em parte, produto e herdeiro em sua maneira de ser, agir e pensar. A compreensão de nossa formação urbana é, portanto, fundamental para compreender a cidade que temos e, por que não dizer, aquilo que somos hoje.

Difícilmente alguma das manifestações públicas que se desenrolavam nestes espaços, fossem elas oficiais ou espontâneas, ocorria sem manter íntima relação com os valores sagrados da sociedade. A presença do sagrado se manifestava também na própria forma física destes núcleos urbanos em gestação - o arruado, os edifícios e o mobiliário urbano, a sua quantidade, qualidade e relação que mantinham entre si - assim como no sentido e valor conferido à terra e nas funções que as localidades nascentes deveriam desempenhar. Assim, durante muito tempo, o uso, a forma e a função urbana das localidades do nosso estado apontavam para um determinado tipo de sociedade profundamente marcada pela religiosidade. No entanto, no decorrer do longo processo histórico de transformação por que

passaram essas localidades e a sociedade que as gerou, houve uma perda progressiva dos valores religiosos tradicionais, processo que é perceptível, novamente, tanto em termos do uso, quanto da forma física e da função dos referidos espaços. Em outras palavras, a sociedade e conseqüentemente a cidade potiguar passaram por um processo de secularização, fenômeno que não é, aliás, específico do Rio Grande do Norte, mas é comum, com maior ou menor intensidade, em todo o mundo ocidental.

Foi no intuito de compreender melhor o processo de formação e evolução da cidade potiguar sob a perspectiva do processo de secularização – enfoque de estudo que, pelo que me consta, ainda não havia sido aplicado às cidades do Rio Grande do Norte nem em termos individuais nem coletivos - que resolvi empreender minha pesquisa de doutorado. Ela teve como universo para investigação doze dentre as mais antigas cidades do Rio Grande do Norte: Natal, Extremóz, Nísia Floresta, São José de Mipibú, , Arez e Vila Flor, no litoral; Assu, Mossoró, Apodi, Portalegre, Caicó e Acari, no interior. O objetivo essencial da pesquisa não era o de produzir um inventário ou um catálogo da paisagem urbana das aglomerações propostas em diferentes épocas, resultando, assim, num trabalho descritivo e factual. Ainda que a problemática proposta lançasse necessariamente luz sobre a forma física de nossos espaços urbanos, a investigação proposta objetivava, antes de tudo, compreender a *relação* entre os elementos-chave propostos para a análise – isto é, o uso, a forma e a função – e o processo de secularização destas cidades. A pesquisa se propunha essencialmente a verificar em que medida o processo de secularização interferiu no desenvolvimento destes espaços, considerando os três elementos-chave citados. O período considerado para a pesquisa se estende do século XVIII à primeira metade do XX.

Neste sentido, empreendi um paciente trabalho de levantamento de dados não somente nas cidades estudadas, mas em arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, Lisboa e Paris. A pesquisa final resultou num volumoso trabalho escrito de pouco mais de 600 páginas. Escrita em francês, a tese foi defendida em outubro de 2002 na École de Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, Paris, França, com o título “*De la ville de Dieu à la ville des Hommes. La sécularisation de l’espace urbain dans le Rio Grande do Norte - Brésil.*” (Da cidade de Deus à cidade dos Homens : a secularização do espaço urbano no Rio Grande do Norte-Brasil). Tendo em vista o seu caráter comparativo, o estudo foi desenvolvido a partir da reunião das doze cidades selecionadas em dois grupos distintos – aquele formado pelas localidades que surgiram a partir da obra missionária junto aos indígenas no Rio Grande do Norte, conhecidas como missões ou aldeamentos - e o grupo formado pelas demais, que tiveram uma origem diversa. Em ambos os casos, e apesar das especificidades de cada grupo, ficou evidente que o sentido do sagrado presidiu a formação e desenvolvimento destes núcleos, mas a imposição paulatina dos valores profanos transformou este seu caráter inicial, dando-lhe uma feição principalmente profana, secular. Tendo em vista a amplitude do estudo, no tempo e no espaço, a pesquisa se propunha a possibilitar uma visão de conjunto da cidade potiguar, não se detendo detalhadamente, portanto, a algumas das cidades selecionadas, ainda que isso tenha ocorrido algumas vezes, dependendo de algum ponto específico abordado. Adaptada em formato de livro, a referida pesquisa foi traduzida para o português e deverá ser publicada - salvo algum tropeço em seu atual percurso - ainda este ano pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em co-edição com a filial da Fundação Gulbenkian, em Paris.

Como requer todo trabalho científico, as expressões utilizadas no decorrer da pesquisa tiveram de ser devidamente definidas. Entre elas se encontram termos como secularização, uso, forma, função, espaço sagrado e espaço profano, além de expressões metafóricas como cidade de Deus e cidade dos Homens – as últimas das quais serviram, inclusive, como título à pesquisa. A preocupação com a conceituação dos termos utilizados se estendeu à terminologia

técnica empregada desde os tempos coloniais para as aglomerações urbanas encontradas no Rio Grande do Norte, como a povoação, a vila, a cidade, a aldeia, entre outros. O período de análise citado e a escolha das cidades estudadas foram igualmente determinados segundo critérios precisos, de acordo com os objetivos da pesquisa. Finalmente, os principais atores ou agentes sociais – como os representantes da Igreja e do Estado, entre outros – também foram objetos de criteriosa delimitação. A explicitação de todos estes aspectos teóricos, impregnados que são de forte carga técnica e acadêmica, assim como os aspectos metodológicos utilizados, não cabem no presente artigo.

Muitos exemplos poderiam ser citados – tanto em termos de uso, quanto de forma e de função - do processo de secularização da cidade potiguar ao longo do período histórico estudado. Assim, apenas para ilustrar os muitos indícios deste longo processo, perceptível em maior ou menor intensidade nas diferentes cidades estudadas, é esclarecedor mencionar o caso do cruzeiro situado no centro da cidade do Natal. Na primeira metade do século XVIII, a capital da capitania do Rio Grande revelava, em sua forma físico-espacial, uma série de referências e alusões à primazia do sagrado, boa parte das quais se perdeu ou teve sua importância visivelmente diminuída ao longo do tempo. O antigo cruzeiro que, durante séculos, se encontrava no meio da atual praça André de Albuquerque, em frente da igreja de Nossa Senhora da Apresentação, ocupava, assim, o lugar de honra da cidade, o centro mais importante da urbe. Em 1907, ele foi, porém, transferido para o pátio diante da Igreja do Rosário, bem mais modesto e escondido do que o anterior. Mais significativo ainda é o fato de que, quase no mesmo lugar de origem, foi elevada, dez anos depois, como parte das comemorações do centenário da Revolução de 1817, a Coluna dos Mártires, em honra aos principais protagonistas da referida revolução. Eventos como estes, à primeira vista anódinos, sem importância, se tornam profundamente esclarecedores do processo de secularização em curso quando analisados de forma contextualizada, inseridos no universo social, político e econômico do qual fazem parte, como foi possível verificar na pesquisa. No exemplo citado, o símbolo sagrado cede lugar a um monumento profano, erigido para a glória dos homens, e não para a glória de Deus. Estes e muitos outros exemplos, muito dos quais retirados a partir de documentos inéditos para as cidades estudadas, comprovam que este processo era inexorável.

A função ou funções urbanas, entendidas como as motivações para o surgimento das localidades - assim como a evolução destas motivações, que se transformam ao longo do desenvolvimento histórico das aglomerações - atestam o mesmo processo de secularização em curso. As motivações em questão não são, evidentemente, semelhantes para todos os agentes implicados. Por exemplo, as diferentes concepções que os colonos, os missionários e a Coroa tinham sobre o papel e a função que os aldeamentos ou missões deveriam desempenhar na antiga capitania do Rio Grande entre fins do século XVII e primeira metade do século seguinte geraram inúmeros conflitos, como, de resto, em toda a colônia. No entanto, independentemente da concepção adotada, o papel de catequese, imbricado ou não a outros interesses da sociedade colonial, estava sempre presente. Posteriormente, na segunda metade do século XVIII, num contexto de tendência secular marcado pelas políticas do marquês de Pombal, os aldeamentos são elevados a foros de vilas no Rio Grande do Norte e o papel de catequese cede lugar, aos poucos, ao de civilização dos nativos e a outros fins que estão menos atrelados à questão religiosa. Semelhantemente, a função militar de conquista e apropriação do território, visível em quase todas as localidades estudadas precisamente por se encontrarem entre as mais antigas, não estava isenta de uma forte dimensão ou “função” religiosa. Isso era perceptível, por exemplo, no discurso religioso que justificava a beligerância a partir das aglomerações de colonos brancos contra os “gentios” indígenas, como também no papel de tutela que elas exerceram sobre os aldeamentos nascentes. Natal e

Assu se enquadram neste caso. A motivação religiosa era, portanto, inerente a esta e outras funções analisadas, e faziam parte de uma política de Estado. Contudo, as conotações religiosas que acompanham o papel funcional inicial das cidades também desaparecem em etapas posteriores de sua evolução, quando estas passam a desempenhar funções comerciais e administrativas a partir da segunda metade do século XVIII e principalmente no século seguinte. Cabe ressaltar, neste debate, que enquanto o uso e a forma urbana ficam circunscritos ao núcleo que deu origem às cidades atuais, a função urbana, como foi visto nos exemplos acima citados, não pode ser dissociada de considerações relacionadas ao território e às relações que os diferentes centros urbanos mantêm entre si.

A pesquisa realizada não confere qualquer juízo de valor à cidade de Deus ou à cidade dos Homens no Rio Grande do Norte. Não há qualquer interesse em demonstrar se este tipo de cidade era melhor ou pior do que aquele, muito menos de criticar ou louvar os diversos atores que, em suas complexas relações, as construíram. Também não tem qualquer caráter saudosista, não propõe o resgate de eventos e tradições obscurecidas pelo tempo, que já não fazem qualquer sentido hoje, a não ser, talvez, como objeto de exploração turística para as localidades estudadas. O interesse da pesquisa residia tão-somente em constatar de que maneira e com que especificidades um fenômeno universal – o processo de secularização da cidade – se manifestou no Rio Grande do Norte, ao longo do período estudado.

As diferentes abordagens de estudo, de natureza histórica ou não, privilegiaram, durante muito tempo, o aspecto econômico, visto como a única alternativa válida para a compreensão da cidade. O estudo da história da cidade sob a perspectiva da secularização tem se tornado, nos últimos tempos, uma opção cada vez mais freqüente de abordagem do fenômeno urbano no Brasil, como demonstram diversos estudos e publicações. Esta perspectiva cultural de investigação é tão válida quanto os tantos outros enfoques de análise possíveis e tem permitido revelar aspectos muito interessantes sobre nossas cidades e sua evolução. O presente estudo se insere nesta perspectiva de investigação. A compreensão da cidade a partir do enfoque sobre o sagrado e o profano ou a partir do viés religioso, historicamente condicionado, em sua interação com aspectos sociais, econômicos, políticos e outros, produziu um estudo de natureza dinâmica, complexa e multidisciplinar que ultrapassa a compreensão aparentemente dicotômica e estanque do sagrado e do profano para a cidade potiguar. A pesquisa possibilitou apreender como a relação entre espaço e sociedade, no Rio Grande do Norte, vista sob o ângulo da transformação progressiva da cidade de Deus na cidade dos Homens, produziu um determinado tipo de cidade, a cidade potiguar. Ela contribuiu para uma melhor compreensão da historicidade dos espaços urbanos da cidade do Rio Grande do Norte, a qual ainda se manifesta, de uma forma ou de outra, na cidade atual.